

Entre imagens e lendas:

as representações de Ricardo Coração de Leão e a afirmação do rei guerreiro

Ana Luiza Mendes¹
Roberta Bentes²

Resumo: O presente trabalho insere-se na perspectiva historiográfica desenvolvida nos últimos anos acerca da revisitação de análises sobre o rei Ricardo I. Esses novos estudos contribuíram para revelar uma diferente perspectiva do rei inglês, tido como um mau rei por muitos estudiosos, cuja imagem, todavia, passa a ser compreendida dentro de balizas pertinentes ao seu contexto e não a pressupostos contemporâneos. Dessa forma, a faceta guerreira de Ricardo Coração de Leão é colocada em evidência e analisada em conformidade com o contexto beligerante no qual estava inserido. Nessa conjuntura, esta pesquisa analisa imagens do rei que o representam como um cavaleiro no intuito de compreender essa caracterização dentro de um cenário no qual esse atributo era valorizado.

Palavras-chave: Ricardo Coração de Leão, Cavalaria, Iluminuras, Selo régio, Legitimação.

Abstract: This work is part of a historiographical perspective developed in the recent years trying to get a refreshed look at some analyzes of King Richard I of England. These new studies contributed with different views of the English king, who was considered a bad king by many scholars, and now has been given a new outlook, he should be understood by the filter of his context, avoiding contemporary assumptions. Thus, the warrior facet of Richard the Lionheart is highlighted and analyzed in the belligerent context that he is present. At this juncture, this research analyzes images and representations of the king that portray him as a knight to comprehend this characterization in a time that valued this trait.

Keywords: Richard the Lionheart, Chivalry, Illuminations, royal seal, legitimation.

Between images and legends: the representation of Richard The Lionheart and the statement of a warrior king

¹ Formada em Filosofia pela PUCPR, licenciada em História pela UFPR, com mestrado e doutorado em História pela UFPR. Inserida nos núcleos de pesquisa NEMED/UFPR e ABREM. E-mail: analuizam982@gmail.com

² Bacharela em Direto pela UCAM/RJ e Gravura pela UNESPAR, com especialização em História da Arte pela CEUCLAR e mestrado em História pela UFPR. Inserida nos núcleos de pesquisa NAVIS/UNESPAR, NEMED/UFPR e ABREM. E-mail: roberta.bentes@gmail.com

Ricardo Coração de Leão (1157-1199) é uma figura que pode causar diferentes emoções em torno de suas ações, uma vez que sua existência paira entre a História e a ficção. Muitas lendas se desenvolveram em torno do rei inglês ainda quando ele estava em plena atividade e, segundo Nigel Saul, Ricardo tinha conhecimento dessas histórias e contribuía para que a lenda sobre sua pessoa se legitimasse e fosse propagada. Isso porque ele era um mestre em autopromoção. Ele tinha plena consciência que sua imagem precisava ser bem ornada e cultivada. E ele contribuiu para esse processo de elaboração de si mesmo. Para tanto, ele fez questão de que seus súditos ficassem sempre bem informados de suas ações, sobretudo as militares, sua especialidade e maior objetivo. Ele foi o primeiro rei inglês a usar cartas para informar sobre seus triunfos (SAUL, 2006, p. 89).

Assim, pode-se pensar que não foi por pura e simples diversão que o rei levou consigo para a terceira Cruzada um contingente que incluía trovadores e cronistas. Ricardo demonstrava ter o conhecimento sobre o peso que as artes poderiam ter na legitimidade do poder, faceta defendido por Georges Duby ao afirmar que “a obra de arte celebrava o poder de Deus, celebrava o de seus servos, o dos senhores da guerra, o dos ricos. Este poder, ela realçou. Ao mesmo tempo que ela mostrou, ela justificou (2002, p.41-46).”³. Destarte, podemos introduzir um caráter “propagandístico” que o rei gostaria de promover tanto de si mesmo quanto de seu reinado. Ricardo além de estar fortemente marcado em suas crônicas aparece como personagem de canções de alguns trovadores do *langue d’oc*, demonstrando a mobilidade de sua fama e uma forma de propaganda ainda que vaga e difusa que resultou sem dúvida em seu sucesso (AURELL, 2015, p. 25).

Filho de uma corte que descende diretamente da gênese do trovadorismo – sua mãe era Eleanor da Aquitânia (1122-1204), neta de Guilherme IX (1071-1126), considerado o primeiro trovador – ele se insere nessa cena cultural como protagonista.⁴ Como um sulista (seu nome tem origem normanda e foi criado em Poitou), foi um homem de cultura e sofisticação, atuando também como trovador. Sua cantiga⁵, inclusive, contribuiu para identificar a consciência que o rei tinha tanto da técnica trovadoresca quanto das relações políticas do seu contexto, uma vez que compõe uma denúncia satírica para os seus homens

³ No original: L’œuvre d’art célébrait le pouvoir de Dieu, elle célébrait celui de ses serviteurs, celui des chefs de guerre, celui des riches. Ce pouvoir, elle le rehaussait. En même temps qu’elle le donnait à voir, elle le justifiait. Tradução das autoras.

⁴ Importante também salientar que seu pai, Henrique II (1133-1189), também era um homem “culto” e em seu reinado pode ser observado uma florescente produção, sobretudo ligada à matéria arthuriana que contribuiu para legitimar a dinastia Plantageneta.

⁵Ja nus hons pris ne dira sa raison.

que não se organizam para libertá-lo do cativeiro ao qual foi submetido quando capturado pelo duque Leopoldo da Áustria (1157-1194) após o regresso da Cruzada.

O episódio da sua captura e cativeiro é um importante aspecto que contribui para analisar o estabelecimento de Ricardo como uma lenda quando ainda era um agente da História. Importante, primeiramente, ter em mente que ele não nasceu para ser rei. Ele era o terceiro filho varão de Eleanor e Henrique e, portanto, não foi moldado sob os desígnios da realeza. Seu futuro era comandar os territórios que herda da mãe e por eles lutou ferrenhamente para mantê-los longe das mãos de Felipe Augusto (1165-1223), seu maior rival.

Assim sendo, seu destino era mais ou menos semelhante aos filhos segundos (e terceiros e os demais) que não teriam acesso à herança e deviam rodar o mundo para fazer sua vida e quiçá estabelecer um bom acordo de casamento e criar sua própria casa e linhagem. O destino de Ricardo, entretanto, não seria tão laborioso, uma vez que em 1169 já foi estabelecido que seus territórios seriam os da mãe. Desse modo, ele não teria que correr o mundo. Mas o fez por encarnar o espírito e a moral da cavalaria, uma vez que a guerra era sua grande paixão, como demonstra sua habilidosa engenhosidade nessa arte, sobretudo no que se referia aos cercos.

Para entender a figura de Ricardo como um cavaleiro é necessário compreender a importância que a cavalaria tinha no medievo. “Falar sobre a cavalaria é sentir o coração do homem medieval, seja ele nobre cavaleiro, seja ele um escudeiro ou forjador de espadas” (LEME, 2019, p. 63). Somada a essa concepção tem-se a importância da Cruzada para aquele período, concebida como uma obrigação do rei para combater o infiel. Ricardo, portanto, incorpora diversas virtudes que um rei deveria ter, sendo a beligerância a mais evidente.

É, portanto, a partir desse contexto que podemos compreender as ações do rei inglês e as reações que a elas foram impostas. A começar temos sua atuação na Cruzada, na qual teria causado desconfortos e gerado inimizades, dentre as quais, Felipe Augusto que já estava desgostoso com Ricardo por conta da rescisão do acordo de casamento com a irmã do rei francês. Além disso, Felipe tinha a ambição de dominar os territórios Plantagenetas que se encontravam na França, o que ele tentou fazer aproveitando-se da ausência de Ricardo por conta de seu cativeiro. Felipe retorna da Cruzada em 1191, alegando estar doente. Entretanto, pode-se pensar que seu retorno antecipado tenha sido incentivado “por suas frustrações em

relação à rivalidade com Ricardo estabelecida no acampamento em Messina” (HEISER e TURNER, 2013, p. 130).⁶

A partida antecipada de Felipe foi registrada pela crônica genealógica dos reis ingleses, escrita entre 1272 e 1307:

Felipe, voltando da Terra Santa pela sua inveja dos atos afortunados de Ricardo, tomou a terra da Normandia, colocando-a em tribulação através das ocupações de seus castelos e guarnições, até que o próprio Ricardo, o glorioso rei, tivesse voltado para a Normandia, depois do pagamento de seu resgate feito para o agente supracitado (WRIGHT, 1872, p. 30-34).⁷

Ainda que essa crônica seja bem posterior aos eventos narrados, seu testemunho é interessante de ser analisado, pois nos conta sobre a visão da posteridade sobre Ricardo que, considerado como um rei glorioso que na Cruzada teria se indisposto com outras importantes personagens, como o imperador do Sacro Império, pois assumido todo o controle das ações militares, ofuscando a ação dos demais.

Ao retornar ao ocidente Ricardo é capturado em dezembro de 1192 por Leopoldo da Áustria que, no ano seguinte o entrega para Henrique VI (1165-1197), imperador do Sacro Império Romano-germânico, o qual pede 150 mil marcos por seu resgate. Enquanto isso, Felipe Augusto invadiu a Normandia, cuja conquista era um objetivo essencial do reino francês desde o século XI para minar a força normanda e, posteriormente, angevina (SAUL, 2006, p. 85).

Relacionado ao seu cativo surgem duas das lendas que envolvem o nome de Ricardo. A primeira narra que um trovador, Blondel, teria descoberto onde o rei estava preso ao cantar uma cantiga que somente os dois conheciam. Ao escutar a sequência da cantiga entoada, o trovador tinha descoberto o paradeiro do rei. A segunda conta que a filha do imperador do Sacro Império se apaixonou perdidamente por Ricardo que a teve em seus braços em algumas noites muito agradáveis. Para se vingar, Henrique VI teria levado um leão faminto até a cela onde estava o rei inglês que, armado apenas com quarenta lenços de seda, foi capaz de matar o leão pressionando com um braço o pescoço do animal, enquanto com o

⁶No original: “More likely his departure was due in large part to frustrations over his rivalry with Richard which dated to their encampment at Messina”. Tradução das autoras.

⁷No original: “And then he returned to his estates, and passed through Austria. By Austria he is detained through the treason of the French, which treason was afterwards proved for the King of France. Philippe, returning from the Holy Land, who was envious of his fortunate acts, put on his way the land of Normandy in tribulation, and occupied the castles and garrisons, until Richard himself, the glorious king, returned into Normandy, after the ransom which was made to the latter.” Tradução das autoras.

outro arrancava seu coração que salpicou com sal e comeu na frente do imperador e sua corte estupefata (SAUL, 2006, p. 88).

A primeira narrativa relaciona Ricardo com sua faceta trovadoresca, porém é a segunda que contém o mote que irá reger a imagem e a lenda do rei, relacionada ao seu caráter beligerante e, por vezes, violento. A característica aguerrida de Ricardo rendeu uma visão negativa sobre sua pessoa por parte da historiografia a partir do século XVI e, sobretudo a do século XIX e parte do XX. Isso se deve pela concepção de mundo e de História presentes nesses contextos que se voltam para a Idade Média com um olhar ensimesmado e não com a perspectiva do pensamento que existia no medievo. Desse modo, por muito tempo Ricardo I foi julgado como um mau rei, pois se preocupava somente em guerrear, não se importando com a Inglaterra, local em que pouco viveu – em todo o seu reinado permaneceu em torno de seis meses em seus domínios ingleses.⁸ As críticas também apontam que, para fazer suas guerras, Ricardo sugava o reino inglês, como defende Austin Lane Poole, medievalista britânico, em um livro de 1951, no qual afirma que “Ricardo usava a Inglaterra como um banco do qual extraía e drenava a fim de financiar suas ambiciosas façanhas no exterior”⁹ (POOL, 1951, p. 350).

A visão na qual essa citação se insere faz parte, como aponta Richard Heiser e Ralph Tuner (2013), de uma concepção deturpada da Idade Média, pois impregnada de anacronismos e de uma tradição pautada na afirmação de nacionalismos. Assim, o julgamento sobre o rei inglês era comumente permeado de critérios contemporâneos sobre política, poder e afins e não os que dirigiam as ações do rei inglês que, era final de contas, um rei medieval.

Diante disso, a historiografia tem se dedicado a promover novos olhares sobre Ricardo I, partindo do pressuposto de que ele não deve ser pensado com base em concepções contemporâneas, mas de acordo com seu contexto. Nesse sentido, há novos estudos em torno do rei inglês, dentro dos quais esse trabalho se insere, que permitem vislumbrar uma diferente perspectiva sobre seu reinado. Assim sendo, esses trabalhos, desenvolvidos a partir dos últimos vinte anos (HEISER; TURNER, 2013), indicam um diferente caminho trilhado por Ricardo no que diz respeito a sua relação com o reino inglês. Em termos de finanças, ao contrário do que defendia Pool (1951), os medievalistas defendem que ainda que as demandas

⁸ Esse fato, contudo, não era uma novidade. O rei anterior, Henrique II, de 34 anos de reinado passou 21 nos seus territórios franceses. Alguns estudiosos apontam que essa era a realidade, uma vez que as possessões continentais dos Plantagenetas demandavam maior atenção, tendo em vista o perigo representado pela ambição de Felipe Augusto sobre esses domínios.

⁹No original: “Richard used England as a bank on which to draw and overdraw in order to finance his ambitious exploits abroad.” Tradução das autoras.

financeiras fossem grandes, ao ter que levantar fundos para a Cruzada, para o seu resgate ou, ainda para lidar com a revolta de João Sem Terra (1166-1216) e os ataques de Felipe Augusto, o reino inglês sustentava essa necessidade, visto não existirem evidências de um colapso econômico (GILLIGHAM; GRIFFITHS, 2000).

Além disso, a pressão e a demanda por dinheiro fez com que o sistema de arrecadação se tornasse cada vez mais complexo e a diligência de Ricardo já vinha sendo antecipada por seus antecessores, uma vez que, “se bem observado, administrativamente o Estado inglês cresceu como um Estado guerreiro”¹⁰ (SAUL, 2006, p. 86), necessitando, portanto, de uma organização sistemática bem organizada para atender as necessidades do seu fundamento beligerante.

Essas ações contribuíram para a renovação historiográfica em relação a Ricardo, possibilitando defini-lo como um habilidoso administrador e político. O mais importante, entretanto, é pensar sobre como ele era visto em seu próprio contexto, segundo a visão de mundo da época, assim como a partir da concepção de rei que os medievais tinham. Sendo assim, como salienta John Gillingham (1994, p.6), Ricardo Coração de Leão deve ser pensado como um guerreiro. E isso não é algo negativo. Ao contrário, era esperado que um rei medieval encarnasse virtudes régias do século XII, dentre as quais se encontram a cortesia cavaleiresca, o ardor cruzadístico e a habilidade de empreender conquistas militares. Ora, Ricardo se encaixa tão bem nesse perfil que serve de modelo para os reis posteriores e é retratado como um herói, como os das novelas de cavalaria, ainda no medievo. Em uma narrativa conhecida como *Itinerarium* ele é assim descrito:

Ricardo era alto, de elegante porte. A cor dos seus cabelos era entre o ruivo e o ouro; seus membros eram retilineamente flexíveis. Ele tinha braços bem longos, os quais serviram perfeitamente para empunhar uma espada e brandi-la para um grande efeito. Suas pernas longas combinavam com o resto do seu corpo (SAUL, 2006, p.232).¹¹

Esse testemunho data de vinte anos após a morte de Ricardo, mas é importante porque possibilita a apreensão do imaginário desenvolvido em torno dele. É sintomático sua descrição ter como ponto principal a personificação de um perfeito guerreiro, que tem o porte ideal para empunhar a espada e que sabe utilizá-la com excelência. Essa representação revela

¹⁰ No original: “As has been observed, administratively the English state grew as a war state”. Tradução das autoras.

¹¹ No original: “Richard was tall, of elegant build. The colour of his hair was between red and gold; his limbs were supple straight. He had quite long arms, which were particularly suited to drawing a sword and wielding it to great effect. His long legs matched the rest of his body”. Tradução das autoras.

que não era importante ser um cavaleiro apenas, mas também deveria parecer ser um e ter a capacidade de agüentar o peso do armamento e da espada.

Para compreender a vinculação entre Ricardo e o perfeito cavaleiro é preciso também pensar que a Cruzada era um evento de máxima importância na medievalidade. Ela se transformou em sinônimo de uma guerra justa, como definida desde Santo Agostinho (354-430) que concebia as guerras válidas se seu objetivo era manter a paz. Ampliando esse pensamento, Isidoro de Sevilha (560-636) define a guerra como justa se ela é necessária para expulsar o invasor. Assim, quando Urbano II (1042-1099) convoca a primeira Cruzada, a Igreja já está munida com a ideologia¹² sobre essas guerras que moverão a cristandade. Desse modo, a guerra, além de ser justa também será santa, uma vez que irá defender o ocidente do infiel. O ato de matar os contrários a Deus seria um meio de exterminar o mal, não se enquadrando em homicídio, ou seja, todos os cristãos estariam cometendo o malicídio, matar o mal, e assim os cavaleiros que matassem infiéis teriam seus pecados expurgados por fazê-lo.

A função de guerreiro se adapta, portanto, a esse contexto, sendo legitimado por meio da ação que desempenha em função da sacralidade, contribuindo também para a formação e afirmação da identidade do cavaleiro cristão que se dá em oposição ao outro, infiel.

Ricardo ganhou experiência militar na Aquitânia, onde os conflitos com os duques eram constantes. Assim, pensando que seu destino seria defender as terras de sua origem, ele tratou de se especializar na arte da guerra, especialmente nos cercos e pilhagens. Assim, em 1189, um guerreiro assume o trono da Inglaterra e é com essa característica que ele será lembrado e representado por seus súditos e por gerações posteriores.

Evidentemente que Ricardo I não agradou a todos. William of Newburgh (1136-1198), autor da *Historia rerum Anglicarum*¹³, o definiu como irresponsável e Ralph of Coggeshall (?-1227), autor de *Chronicon Anglicanum*¹⁴, o condenou por sua extravagância e ganância, vendo sua morte como uma punição divina. No entanto, a visão que predomina é a de sua relação com o panteão dos heróis e do ideal de cavaleiro, que pode ser verificada em várias fontes que retratam o rei inglês como um guerreiro fortemente armado e nobre.

Uma delas é conhecida como *Saltério de Luttrell (1330)*¹⁵ (figura 1), na qual há a representação de uma justa entre dois cavaleiros:

¹² Termo utilizado com seu significado original de Destutt de Tracy (1754-1836): conjunto de ideias.

¹³ Escrita entre 1196 e 1198, conta história do reino inglês desde 1066, data da conquista normanda.

¹⁴ Crônica existente na abadia de Coggeshall, onde foi abade e à qual deu continuidade. Narra eventos que datam de 1066 a 1223.

¹⁵ Manuscrito elaborado na Inglaterra no século XIV, entre 1330 e 1345, sob a encomenda de Sir Geoffrey Luttrell(1276-1345). Disponível em: <https://www.bl.uk/collection-items/the-luttrell-psalter>.



Figura 1 – Justa entre Ricardo Coração-de-Leão e Saladino. Presente no Saltério de Lutrell. Disponível em: <https://www.bl.uk/onlinegallery/tp/luttrell/accessible/images/page10full.jpg>. Acessado em: 23 de Setembro de 2020.

Essa fonte é posterior aos acontecimentos, mas contribui para pensarmos sobre a sua repercussão, assim como a propagação do imaginário sobre a cavalaria e da figura de Ricardo como um cavaleiro. Essa iluminura representa uma justa entre o rei inglês e Saladino (1174-1193), apresentado com o escudo com o qual é comumente representado nas fontes, assim como com a pele azul, característica das representações imagéticas do muçulmano. Além disso, a fonte oferece uma visão que o século XIV tinha desse embate, permeada pelo filtro do código cavaleiresco que exigia determinados elementos pontuados nessa imagem: as personagens se encontram paramentadas como cavaleiros do período de produção da obra: armadura mais fechada com placas de metal; heráldica de sua casa no escudo e no manto que cobre o cavalo; uso da lança ao invés da espada. O conjunto desses componentes revela a valorização da cavalaria enquanto uma ação da nobreza, visto o alto custo necessário para ser um cavaleiro.

Podemos estimar que o custo total mínimo do equipamento completo, no século XII, corresponde ao de uns 30 bois e mais tarde torna-se ainda mais caro. A cavalaria tende, então a ser reservada a uma elite aristocrática, pois ela também exige tempo, lazer. Muito diferente do combate a pé, o novo método cavaleiresco necessita de um treinamento assíduo em exercícios guerreiros como a *quintaine* ou o torneio que se torna, ao longo do século XII, um treinamento guerreiro, um esporte aristocrático e um espetáculo mundano. Todos esses aspectos fazem da cavalaria uma elite guerreira; ela não combate como as outras; obedece a suas próprias regras; dota-se de sua própria ética; desenvolve no torneio e na própria guerra aspectos festivos e lúdicos autorizados pela proteção defensiva reforçada dos quais beneficiam os cavaleiros e pelo código deontológico da cavalaria que se implanta paralelamente. (FLORI, 2005, p.79)

É sintomático, portanto, o fato de que Ricardo introduziu os torneios na Inglaterra, diferente da posição de Henrique II que achava que esses eventos incentivavam a desordem. Inserido na concepção institucional e ética da cavalaria, o Coração de Leão define em 1194 locais para que esses torneios ocorressem: Wiltshire, Warwickshire, Northamptonshire, Suffolk e Nottinghamshire que, por sua vez, deveriam pagar uma alta taxa para que os torneios acontecessem (SAUL, 2006), além de estabelecer que os participantes fossem apenas os cavaleiros que tivessem pagado por uma licença. Esses locais eram próximos de Londres, contribuindo para que os agentes reais pudessem supervisionar e controlar possíveis tumultos e revoltas (FLORI, 2005).

Os torneios serviam para treinar e também para angariar fundos. Assim, como a guerra, no torneio existia dois lados. Os cavaleiros se reuniam em grupos formados por diferentes critérios: amizades, laços de parentesco, laços de vassalagem. Como uma simulação de guerra, o torneio contava com diversas possibilidades de estratégias contidas nela: cercos, ataques, emboscadas, cujo objetivo era capturar algum inimigo para receber o valor do resgate.

Os torneios eram no século XII, portanto, uma atividade coletiva. Contudo, ao longo dos séculos seguintes, eles ganham diferentes conotações e se tornam mais mundanos e menos profissionais, privilegiando o indivíduo (FLORI, 2005), o que explicaria a representação de Ricardo e Saladino numa justa como um espetáculo.

Entretanto, tal embate iluminado no Saltério nunca ocorreu. Ricardo e Saladino nunca se encontraram. O rei inglês, ao se dar conta de que não tinha recursos suficientes para dar continuidade à Cruzada, decide entrar em um acordo com o líder islâmico garantindo três anos de trégua entre cristãos e muçulmanos e acesso aos lugares santos para os peregrinos (SAUL, 2006).

Uma fonte árabe traz um relato sobre as negociações:

De Ricardo a Saladino

“Os nossos e os vossos estão mortos”, diz-lhe ele numa mensagem, “o país está em ruínas e o negócio nos escapou completamente, a nós todos. Não pensais que isto basta? No que nos concerne, há apenas três causas de discórdia: Jerusalém, a verdadeira cruz e o território.

No que diz respeito a Jerusalém, é nosso local de culto e jamais aceitaremos renunciar a ele, mesmo que tenhamos que combater até o fim. Quanto ao território, gostaríamos que nos fosse dado o que está a oeste do Jordão. Com relação à cruz, ela representa para vós apenas um pedaço de madeira, ao passo que para nós seu valor é inestimável. Que o sultão no-la dê, e que se ponha fim a esta luta extenuante.”

De Saladino a Ricardo

“A Cidade Santa é tão importante para nós quanto para vós; ela é até mais importante para nós, pois foi em sua direção que nosso profeta realizou sua viagem noturna, e é ali que nossa comunidade irá reunir-se no dia do julgamento. Jamais o muçulmano o admitiriam. No que diz respeito ao território, ele sempre foi nosso, e vossa ocupação é apenas passageira. Vós conseguistes nele vos instalar em razão da fraqueza dos muçulmanos que então o povoavam, mas enquanto houver guerra não vos permitiremos privar de vossas possessões. Quanto à cruz, ela representa um grande trunfo em nossas mãos, e não nos separaremos dela senão quando obtivermos em contrapartida uma concessão importante em favor do Islã” (PEDRERO-SÁNCHEZ, 2000, p. 89).

A segunda fonte abordada nesse trabalho que enaltece Ricardo são as crônicas que contém a genealogia dos reis ingleses ¹⁶ elaborada a pedido do Rei Eduardo I da Inglaterra em 1272. Somente dois reis são retratados segurando espadas neste manuscrito: Edmundo II, o Braço de Ferro (996-1016) e Ricardo Coração de Leão, reconhecidos como senhores das guerras e exímios líderes (LABORDERIE, 2014, p. 19). Todavia, somente Ricardo aparece sacando sua espada, o que poderia ser uma sugestão sobre sua habilidade com ela (Figura 2) e seu temperamento. A fonte também apresenta uma afirmação das proezas militares de Ricardo, visualizadas nos comentários na lateral de sua iluminura. Um elogio facilmente identificável nesse texto diz: *le rei glorious* (o rei glorioso), reforçando os seus feitos durante a Cruzadas e a retomada dos territórios que Felipe Augusto dominou durante a sua ausência (WRIGHT, 1872, p. 30-34).



Figura 2 – Ricardo I da Inglaterra. Presente nas Crônicas de Eduardo I da Inglaterra, f. 6r. Disponível em: http://www.bl.uk/manuscripts/Viewer.aspx?ref=royal_ms_14_b_vi_f001r. Acessado em: 23 de Setembro de 2020.

¹⁶ Crônica genealógica dos reis ingleses. Composta entre 1272 e 1307, inicia sua narrativa com o rei Egbert de Wessex e finaliza com Eduardo I. Disponível em: <https://www.bl.uk/collection-items/genealogical-chronicle-of-the-english-kings>.

A valorização da sua face guerreira também é apresentada na *Epítome das Crônicas* de Matthew Paris (1200-1259), monge apontado como historiador e iluminador que tinha conhecimento do poder das imagens, sendo considerado por Suzane Lewis (1987) um “usuário” muito engenhoso e inventor de todos os tipos de dispositivos gráficos e códigos pictóricos em seus manuscritos autógrafos. Ele apresenta duas representações de Ricardo em conjunto com Henrique II, João I e Henrique III. A primeira encontra-se no manuscrito Cotton MS Claudius D VI, f. 9v na qual Ricardo aparece sentado em um trono com a espada empunhada em uma mão e com a outra mão se apoia em seu escudo (figura 3). A segunda, no manuscrito Royal MS 14 C VII, f. 9r, apresenta os outros três reis com as suas abadias¹⁷, enquanto Ricardo porta a Igreja de St. Thomas of Canterbury (figura 4).

Imagem 3 – Ricardo sentado ao trono com sua espada e escudo. Cotton MS Claudius D VI, f. 9v na British Library. Disponível em:

http://www.bl.uk/manuscripts/Viewer.aspx?ref=cotton_ms_claudius_d_vi_f005r. Acessado em: 28 de Setembro de 2020. http://www.bl.uk/manuscripts/Viewer.aspx?ref=royal_ms_14_c_vii_f008v.



Imagem 4 – Ricardo sentado ao trono, segurando sua espada com uma mão e com a outra segura a Igreja de St. Thomas of Canterbury. Royal MS 14 C VII, f. 9r British Library. Disponível em: Setembro de 2020.

¹⁷ Henrique II segura a Abadia de Waltham, João I segura a Abadia cisterciense de Beaulieu e Henrique III a Abadia de Westminster.



Ao presenciarmos Ricardo com seus principais instrumentos de guerra ao lado da igreja que homenageia St. Thomas Beckett pode-se visualizar uma valorização da imagem de um rei, por meio do qual ocorre a predominância do ideal de paz e justiça ao seu povo, em consonância com o ideal de guerreiro da Idade Média, valorizando a ética e o modelo de um bom rei que, de acordo com Le Goff (2017), deveria obedecer a Deus e servir à Igreja. Ou seja, Ricardo coloca-se como o rei que teria acordado obrigações em face de Deus, da Igreja e do seu povo. A representação de Ricardo com a catedral de Canterbury parece supor a sua desvinculação com o assassinato do clérigo ocorrida no reinado de seu pai. Em 1194 ele faz uma peregrinação até a catedral, evento descrito na crônica de Gervase de Canterbury (1141-1210), com o objetivo de, segundo Nigel Saul (2006, p. 171), neutralizar aspectos que poderiam ameaçar a coroa, intimamente relacionada ao assassinato do santo.

Além dessas iluminuras também teceremos considerações sobre o selo régio (figura 5) que igualmente oferece uma representação do rei como um cavaleiro, demonstrando a importância dada por ele mesmo a essa característica que, desse modo, encarnava “o manto da

cavalaria *par excellence*. Um bravo cavaleiro e um talentoso comandante, ele definiu a cavalaria como a chave mestra do seu reinado” (SAUL, 2006, p.5-6).¹⁸

O selo que será analisado é o segundo utilizado por Ricardo, pois o primeiro se perdeu quando seu chanceler se afogou em Chipre, em 1191. Este foi o utilizado até o fim do seu reinado e apresenta algumas inovações de *design*, como a aparição do escudo com os leões, configurando-se como a primeira manifestação das armas reais em selo (SAUL, 2006, p. 234).

Figura 5 - Réplica do selo de Ricardo I. Contém a inscrição: Ricardus dux normannorum et aquitanorum et comes andegavorum (Ricardo duque da Normandia e Aquitânia e Conde de Anjou. Disponível em: https://www.britishmuseum.org/collection/object/H_2000-0103-6 . Acessado em: 23 de Setembro de 2020.



O
s selos régios devem ser pensados como uma forma de estabelecer a autoridade do rei e também a identidade que se desejava transmitir. Levando-se em consideração que a sociedade medieval não era em geral letrada, é possível pensar as imagens a partir de uma função pedagógica e informativa. Contudo, Jean-Claude Bonne (1996) e Jérôme Baschet (2008) ampliam a perspectiva sobre a compreensão das imagens, afirmando que a materialidade e o valor estético da obra não poderiam ser interpretados apenas como uma mensagem ensinada ou transmitida, mas também como um objeto engajado em práticas sociais, sendo esse conceito descrito como imagem-objeto. Isso permite estabelecer que as imagens medievais tenham funções múltiplas, contraditórias ou polivalentes, o que gera uma possibilidade de várias classificações e interpretações quanto ao seu funcionamento. Um exemplo disso seria a tapeçaria de Bayeux¹⁹, ainda que esteja no suporte de uma tapeçaria pode ser classificada como uma narrativa visual sequenciada. Devido a sua complexidade, de acordo com o

¹⁸ No original: “Richard I donned the mantle of the chivalry *par excellence*. A brave knight and a gifted commander, he accorded chivalry a key role in his kingship.” Tradução das autoras.

¹⁹ É uma tapeçaria bordada em linho entre 1070-1080 e narra os principais eventos da conquista normanda da região atual da Inglaterra por Guilherme, o Conquistador (1028-1087), valorizando a Batalha de Hastings. (1066)

interesse do pesquisador, ela pode abordar figurações de guerra, técnicas agrícolas ou os interiores domésticos na Idade Média. (SCHMITT, 2007, p. 26)

Desse modo, Baschet apresenta as iluminuras como imagens-lugares, pois detém relações entre os lugares de ritos e de literatura, englobando aspectos iconográficos e ornamentais, aplicando-o como uma "decoração" de um lugar. A sua presença em conjunto com o texto ocorreria de acordo com algumas necessidades: respeito pelo texto ou seu autor, homenagem ao destinatário, gosto estético daquele que encomendou ou até mesmo como um modo de reforçar o livro como um objeto de prestígio e poder. Assim, é preciso ter em mente que as imagens se constituem como um discurso e, como tal, não é neutro, mas construído com o intuito de atingir um objetivo específico.

Portanto, ao analisar a iluminura presente no Saltério, não devemos pensar que seria uma imagem sacra, mas sim uma imagem profana que traria a cultura folclórica presente na sociedade, além de ser uma representação do embate com o inimigo, infiel. Sua imagem encontra-se abaixo do salmo 41, em que o orador pede a Deus para que seja protegido contra o seu inimigo. Há, assim, o diálogo entre o profano e o sagrado, relação que não se constitui em uma contradição, mas revela a experiência polissêmica da medievalidade, verificada por meio do conceito de cultura intermediária, na qual há a simbiose entre as culturas clerical e laica (FRANCO JÚNIOR, 2006).

Essa interação entre culturas pode ser verificada na própria ação de Ricardo que une o ímpeto cavaleiresco com o fervor cruzadístico. Além disso, é possível verificar que ele também une duas tradições de guerreiros: a germânica e a cristã, uma vez que encarna as características dos conquistadores normandos, pautados no ideal de liderança, hierarquia e lealdade que aos poucos vai ganhando *status* de líder. Essas características assumem na Inglaterra a personificação de heroísmo que culmina na idealização do rei guerreiro, transformando Ricardo Coração de Leão numa lenda da cavalaria.

Por sua vez, as figuras presentes nas crônicas de Matthew Paris e na crônica ordenada por Eduardo I trazem como materialidade um suporte para legitimar o poderio, a proeza e importância dinástica que a genealogia régia inglesa detém. Em todas as três iluminuras, assim como o selo – ainda que em outro suporte material – encontramos um meio de reforço do poder, do prestígio, e do ideal de bom rei e guerreiro advindo da figura de Ricardo. Ao observarmos o selo de Ricardo Coração de Leão podemos conectá-lo com a sua realidade de cavaleiro, mas ir além, analisando os processos pelos quais se desenvolveu a construção dessa narrativa que culminou na imagem vivaz de um rei guerreiro.

Essa construção pode ser entendida por meio de uma mediação com a imagem pessoal de Ricardo I, intimamente relacionada com a cavalaria. Além de ter sido um exímio cavaleiro, há relatos de que ele também era um excelente comandante, promovendo a amizade e o respeito de seus homens. Um testemunho sobre essa característica do rei inglês é dado por Mercadier (?-1200), o mais famoso dos comandantes mercenários de Ricardo

que o serviu quase continuamente entre 1183 e a morte do rei em 1199. Próximo ao fim de sua vida ele descreveu sua relação com Ricardo Coração de Leão referindo a si como *famulus*²⁰ do rei: eu lutei por ele com lealdade e tenacidade, nunca me opus a sua vontade, pronto em obediência aos seus comandos, e em consequência por esse serviço eu ganhei sua estima e fui designado como comandante das suas tropas. (HEISER e TURNER, 2013, p.61).²¹

Esse relato possibilita identificar o reconhecimento de Ricardo como um comandante que inspirava respeito e, segundo o relato de Coggeshall, ele demonstrava ser habilidoso com brincadeiras, piadas e aplicava a largueza com os servos. No entanto, mesmo sendo capaz de relaxar em momentos em que isso era permitido, ele não deixava a intimidade degredar em uma familiaridade extrema. Todos que estavam em sua presença tinham consciência de que ele era um rei em cada uma de suas partes (SAUL, 2006, p. 120), fato evidenciado na observação sobre a obediência que Mercadier delegava ao rei, demonstrando que a solidariedade entre Ricardo e seus comandados não abolia a hierarquia.

Diante disso, as fontes abordadas aqui abordadas revelam seu caráter polissêmico, isto é, em diálogo com o texto e com o contexto social, político e cultural da qual fazem parte, como apontam Pierre Francastel (1967) e Peter Burke (2017). Ao estabelecer essa relação, é possível pensá-las como um recurso propagandístico promovido por Ricardo, uma vez que ele demonstra ter consciência de que suas ações o manteriam na História (AURELL, 2015, p. 24), assim como uma ferramenta discursiva que serviu para difundir sua imagem como cavaleiro, promovendo-o como um modelo régio.

Ao analisar as ações de Ricardo, é importante salientar que ele não nasceu para ser rei, assumindo essa posição por consequência do destino fatal de seus irmãos. Assim sendo, ele é formado na arte da guerra, não na arte da realeza, ainda que tenha sido identificado por alguns

²⁰ Palavra latina que deu origem à *família*, mas também podia designar escravo doméstico.

²¹ No original: "Most famous of Richard's mercenary captains is Mercadier, who served him almost continually from 1183 until the king's death in 1199. Towards the end of his life he described his relations with Richard Lionheart referring to himself as the king's *famulus*: I fought for him with loyalty and strenuously, never opposed his will, prompt in obedience to his commands; and in consequence of this service I gained his steem and was placed in command of his army." Tradução das autoras.

de seus contemporâneos e pela nova historiografia sobre seu reinado como um exímio administrador. Desse modo, quem assume o trono da Inglaterra em 1189 é um guerreiro. Isso, contudo, não é um problema visto Ricardo ter vivido no momento em que se tem o desenvolvimento da cavalaria como uma instituição cujos ideais vão reger uma ética e um imaginário próprios que causaram tanto impacto que parecem habitar um mundo que divide os limites entre a realidade e a mitologia, assim como o próprio rei.

A cavalaria, a partir do século XII, ganha maior destaque na organização social medieval e, devido a importância que adquire, toma consciência de si e de sua dignidade social e moral (FLORI, 2005, p. 25). Essa dignidade moral está associada com a fama e a glória que os cavaleiros buscavam atingir, as quais eram almeçadas por Ricardo que demonstra ter plena consciência de sua reputação e da sua existência enquanto cavaleiro. A representação do rei inglês sempre empunhando a espada, dentre outras significações, revela a individualização do cavaleiro que se destaca do contingente, pois luta na proximidade com o inimigo. Essa necessidade da proximidade pode ser relacionada com a busca pela fama que seria cantada, lida, retratada em diversos reinos, como os feitos de Ricardo foram, de fato. Contudo, a busca pela fama pode ter seus reverses, como a infâmia maneira como se deu a morte do Coração de Leão: ao patrulhar durante o cerco de Châlus, em 1199, sem sua armadura é atingido por uma flecha que infecciona e o mata alguns dias depois. Há duas visões sobre esse acontecimento: a primeira relacionada ao fato de que ele não se exime das suas funções de cavaleiro mesmo fora do combate propriamente dito, pois se responsabiliza pela função de patrulhar a região do cerco e a segunda diz respeito ao ego inflamado de orgulho que deixa de lado a armadura por achar-se intocável. Assim, morreu o Coração de Leão, cujas características cavaleirescas eram reconhecidas por seus inimigos, como Saladino que teria dito que “o rei tem muita valentia e muita audácia, mas se lança tão loucamente! Se eu fosse qualquer alto príncipe, preferiria mais ter liberalidade e julgamento comedido que audácia desmedida” (AURELL, 2013, p. 203).

As ações de Ricardo I demonstram que ele tinha consciência da importância da cavalaria e do seu papel destacado como cavaleiro. O fato de ter levado cronistas e trovadores junto de si para a Cruzada sugere que também tinha consciência de como a cultura trovadoresca poderia servir a propósitos políticos, como a propagação de seus feitos. Ambroise fez questão de enfatizar as proezas do rei a fim de defini-lo como um novo César, enfatizando, portanto, os feitos do rei que garantiriam sua fama.

A imagem do rei Ricardo Coração de Leão viajou através dos séculos e contribuiu para definir um imaginário medieval relacionado aos cavaleiros. Ainda que tenha ordenado que fosse enterrado com sua *regalia*, ou seja, como rei, a imagem que dele prevalece é a do cavaleiro que pode perfeitamente dividir uma trama romanesca com Arthur. Aliás, Ricardo não fica atrás do rei mítico, pois se torna personagem de um romance de cavalaria no século XIV. *Richard Coer de Lyon* foi baseado em romance anglo-normando do século XIII que se perdeu. O autor é desconhecido, mas acredita-se que ele também tenha escrito obras inseridas no ciclo arthuriano, demonstrando que Ricardo tornou-se parte das lendas que pairam sobre a cavalaria medieval ao construir a imagem de si mesmo como o cavaleiro ideal.

Referências

- AURELL, Martin. L'art comme propagande royale? Henri II, Aliénor d'Aquitaine et leurs enfants (1154-1204). **Hortus Artium Medievalium**, v.21, Paris, 2015, pp.22-44.
- BARTHÉLEMY, Dominique. **A cavalaria**. Da Germânia antiga a França do século XII. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.
- BURKE, Peter. **Testemunha ocular: O uso de imagens como evidência história**. São Paulo: Ed. UNESP, 2017.
- Cotton MS Claudius D VI. **British Library**. Disponível em: http://www.bl.uk/manuscripts/Viewer.aspx?ref=cotton_ms_claudius_d_vi_f005r. Acessado em: 28 de Setembro de 2020.
- Crônicas de Eduardo I da Inglaterra. **British Library**. Disponível em: http://www.bl.uk/manuscripts/Viewer.aspx?ref=royal_ms_14_b_vi_f001r. Acessado em: 23 de Setembro de 2020.
- DUBY, Georges. "Art et société au Moyen Âge". In : DUBY, Georges. **L'Art et la société: Moyen Âge -XXe siècle**. Paris Quarto Gallimard, 2002.
- _____. **Guilherme Marechal, ou o melhor cavaleiro do mundo**. Rio de Janeiro: Graal, 1987.
- FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A Idade Média, nascimento do Ocidente**. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- FLORI, Jean. Guerra Santa. **Formação da idéia de cruzada no ocidente cristão**. Campinas: editora da Unicamp, 2013.
- _____. **A cavalaria: a origem dos nobres guerreiros da Idade Média**. São Paulo: Madras, 2005.
- FRANCASTEL, Pierre. **La figure et le lieu**. L'ordre visuel du Quattrocento. Paris: Denoël Gonthier, 1967.
- GILLINGHAM, John; GRIFFITHS, Ralph A. **Medieval Britain**. A very short introduction. Oxford: Orford University Press, 2000.
- GILLINGHAM, John. **Richard Coeur de Lion: Kingship, Chivalry and War in the Twelfth Century**. Rio Grande: The Hambledon Press, 1994.
- HEISER, Richard R.; TURNER, Ralph V. **The reign of Richard Lionheart**. Ruler of the Angevin Empire, 1189-99. London: Routledge, 2013.
- LABORDERIE, Olivier de. **The First Manuals of English History: Two Late Thirteenth-Century Genealogical Rolls of the Kings of England in the Royal Collection**. eBLJ, 2014.

Disponível em: <http://www.bl.uk/ebj/2014articles/pdf/ebjarticle42104.pdf>. Acesso em 23/09/2020.

LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. **Dicionário analítico do Ocidente medieval**. Vol. 2. São Paulo: Ed. UNESP, 2017.

LE GOFF, Jacques. **Heróis e maravilhas da Idade Média**. Petrópolis: Vozes, 2011.

LEME, André Luiz. Pensando sobre a cavalaria nobre medieval através de Guilherme Marechal na obra de Georges Duby. **Revista Diálogos Mediterrânicos**, v. 17, dez., 2019. Disponível em: www.dialogosmediterraneos.com.br. Acesso em: 21/09/2020.

PEDRERO-SÁNCHEZ, Maria Guadalupe. **História da Idade Média**. Textos e testemunhos. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

POOL, Austin Lane. **From Domesday Book to Magna Carta, 1087-1216**. New York: Oxford University Press, 1951.

Réplica do selo de Ricardo I: Ricardus dux normannorum et aquitanorum et comes andegavorum (Ricardo duque da Normandia e Aquitânia e Conde de Anjou.). **British Museum**. Disponível em: https://www.britishmuseum.org/collection/object/H_2000-0103-6. Acessado em: 23 de Setembro de 2020.

Royal MS 14 C VII. **British Library**. Disponível em: http://www.bl.uk/manuscripts/Viewer.aspx?ref=royal_ms_14_c_vii_f008v. Acessado em: 28 de Setembro de 2020.

Saltério de Lutrell (1330). **British Library**. Disponível em: <https://www.bl.uk/onlinegallery/ttp/luttrell/accessible/images/page10full.jpg>. Acessado em: 23 de Setembro de 2020.

SAUL, Nigel. **Chivalry in medieval England**. Massachusetts: Harvard University Press, 2011.

SAUL, Nigel. **The three Richards. Richard I, Richard II and Richard III**. London: Hambledon Continuum, 2006.

SCHMITT, Jean-Claude. **O corpo das Imagens**: ensaios sobre cultura visual na Idade Média. Bauru: EDUSC, 2007.

WRIGHT, Thomas. **Feudal manuals of English History**. 1872. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=Y0Di-V_D5MQC&pg=PA31&focus=viewport&vq=richard&hl=pt-BR&output=html_text#c_top. Acesso em 23/09/2020.

Recebido em: 20 de outubro de 2020.

Aprovado em: 05 de janeiro de 2021.